

ARTIGO

Recebido em 15 de agosto de 2021
Aprovado em 18 de julho de 2022

Celebrando uma identidade: os usos do passado para enaltecimento da paraibanidade na música Paraíba Joia Rara

Celebrating an identity: the past uses to enhance paraibanity in music Paraíba Joia Rara

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i1.45776>

Glauber Paiva da Silva

Doutorando em História pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Mestre em História pela mesma instituição. Possui Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e participa do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL) da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: glauber.historia55@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3183-8813>

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

Pós-doutorado em História pela Universidade do Porto, Doutorado e Mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente da Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Pesquisadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica – NEPARQ da UFRPE. Desenvolve pesquisas nas áreas de História, Arqueologia, Memória e Patrimônio Cultural.

E-mail: ananascimentoufrpe@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1496-9675>

RESUMO

A música ao longo da história se incorporou em nosso dia a dia, estando presente nos mais variados momentos de nossas vidas. Assim, ela nos remete a uma variedade de sentimentos como alegria, tristeza e saudade. Desde o início do século XX, diversas músicas foram compostas se utilizando da premissa sentimental de pertencimento. Desse modo, muitas delas foram criadas em meio a indústria cultural com o intuito de despertar o enaltecimento de uma identidade, seja ela nacional, regional ou mesmo local. É por meio dessa construção que iremos nos debruçar sobre uma dessas músicas que se tornou patrimônio cultural imaterial do estado da Paraíba. Paraíba Joia Rara se utiliza do passado para engrandecer e celebrar a história e cultura paraibana. Portanto, nos debruçaremos sobre esse objeto para tentarmos perceber as suas relações com os patrimônios, a identidade cultural, a história e o povo paraibano. Para isso, nos utilizaremos das reflexões de Castagna (2016) e Soares (2017), que nos ajudarão a entender os diálogos entre patrimônios musicais brasileiros e ensino de história. Acreditamos que essa pesquisa é importante para nos fazer compreender melhor essas construções de enaltecimento de uma identidade, como também para contribuir com o campo e salvaguardar os patrimônios musicais brasileiros.

Palavras-chave: Identidade. Patrimônio. Música. Paraíba. História.

ABSTRACT

Music throughout history has been incorporated into our daily lives, being present in the most varied moments of our lives. Thus, it reminds us of a variety of feelings such as joy, sadness and longing. Since the beginning of the 20th century, several songs were composed using the sentimental premise of belonging. Thus, many of them were created in the midst of the cultural industry with the aim of awakening the enhancement of an identity, whether national, regional or even local. It is through this construction that we will focus on one of these songs that became Intangible Cultural Heritage of the state of Paraíba. Paraíba Joia Rara uses the past to enhance and celebrate the history and culture of Paraíba. Therefore, we will focus on this object to try to understand its relationship with the heritage, cultural identity, history and people of Paraíba. For this, we will use the reflections of Castagna (2016) and Soares (2017), which helped us to understand the dialogues between Brazilian Musical Heritage and history teaching. We believe that this research is important to make us better understand these constructions that enhance an identity, as well as to contribute to the field and safeguard the Brazilian Musical Heritage.

Keywords: Identity. Heritage. Song. Paraíba. History.

Introdução

No dia 01 de maio de 2016 ocorria na cidade de Campina Grande a final da Copa do Nordeste, sendo este um dos maiores torneios futebolísticos do Brasil. Na disputa tínhamos a agremiação do Santa Cruz da cidade de Recife buscando o título inédito na casa do adversário, o Campinense Clube, que pretendia se sagrar bicampeão naquele ano do torneio regional. O primeiro jogo das finais ocorreu no estádio do Arruda na cidade do Recife em 27 de abril do mesmo ano e acabou com a vitória dos tricolores com o placar de 2 a 1 sobre o time visitante.

Com esse resultado, o Campinense Clube necessitava apenas de uma simples vitória com um placar de 1 a 0 para sagrar-se campeão pela segunda vez da competição, o que lhe permitiria disputar a Copa Sul-americana. Sabendo disso, a torcida do Campinense fez uma grande festa para empurrar seu time, lotando o estádio Ernani Satyro, conhecido popularmente como o “Amigão”. Na busca pelo troféu que ainda lhes faltava e com uma das torcidas mais apaixonadas do Brasil, os torcedores do Santa Cruz, não se intimidaram e também lotaram a área que estava reservada para eles. Nesse espetáculo emocionante tivemos um público de 17 mil e 859¹ pessoas pagantes para adentrar ao estádio e se deliciar com a festa final.

Nas arquibancadas gritos como “Ah, é Paraíba” e “Ah, é Pernambuco” ecoavam, enquanto os jogadores se digladiavam em busca da vitória. Para atear mais fogo a rivalidade entre os times e, mais especificamente, entre os estados nordestinos que ali participavam, a diretoria do Campinense Clube convidou os cantores Ton Oliveira e Edgley Miguel para entoar uma música que aos poucos conquistava seu lugar no estado da Paraíba. *Paraíba Joia Rara* tenta representar em sua letra o sentimento, o orgulho e a sensação de pertencimento do lugar e do povo paraibano. Não é à toa que a música finaliza-se com um sonoro “Eu sou muito feliz, eu sou paraibano”.

Ao ser entoada no estádio, as arquibancadas vão ao delírio² e, o bairrismo³, ou melhor dizendo, o sentimento de pertencimento identitário explode ao final da música. Ao fim do jogo, o Santa Cruz leva a melhor e se torna campeão pela primeira vez da Copa do Nordeste. Mesmo derrotados, os torcedores do Campinense sentem orgulho do seu time, que mesmo em condições financeiras diferentes dos grandes clubes do Nordeste, conseguiu chegar mais uma vez ao final de uma grande competição. Orgulho do clube e orgulho do estado que faz parte, pois o sentimento realçado na canção é quem sai realmente vencedor.

Mas, como podemos perceber esse enaltecimento? E de que modo ele é construído? Que música é essa que faz um grande número de pessoas vibrarem? E porque ela foi escolhida para um momento tão importante? Neste pequeno vislumbre representativo, conhecemos a força sentimental que uma música pode transmitir para um povo e também apresentamos o objeto de pesquisa de nosso artigo. Tentaremos por meio da música Paraíba Joia Rara, perceber a busca da exaltação identitária empreendida nesta letra que se tornou patrimônio cultural imaterial do estado paraibano. Além disso, demonstraremos como esse patrimônio também pode contribuir para a aprendizagem da história paraibana. Assim, seja como fonte,

¹ Dados encontrados no site Ficha do Jogo. Disponível em: <https://fichadojogo.wordpress.com/2016/05/01/santa-cruz-campeao-da-copa-do-nordeste-de-2016/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021

² Um pequeno trecho da cena pode ser encontrado no *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZP4XpeDsQEA&ab_channel=ZenaideFerreira. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

³ O Bairrismo seria a defesa desenfreada e exacerbada de um determinado território, tal como, uma cidade natal.

seja como suporte para o ensino de história, esse patrimônio cultural pode nos ajudar a entender a construção dos usos do passado para enaltecimento de uma identidade.

Para composição dessa pesquisa, nos utilizamos das discussões de Castagna (2016) na compreensão acerca dos patrimônios musicais brasileiros e sua importância, e Soares (2017) para observamos como utilizar esse tipo de fonte em sala de aula para o ensino de história. Nosso artigo se divide em quatro partes, onde a primeira trata acerca das discussões acerca dos patrimônios musicais brasileiros e a transformação da música Paraíba Joia Rara em patrimônio paraibano. No segundo tópico focaremos na relação envolvendo identidade nacional e a indústria cultural e como tal ligação vem sendo construída desde o início do século XX. Em nosso terceiro tópico fazemos uma análise da canção demonstrando as suas ligações com a geografia e história paraibana, e como esses usos do passado pretendem ressaltar um sentimento de pertencimento por parte da música. E por fim, o último tópico relata rapidamente sobre os sentimentos empreendidos pela música na população.

1 Patrimônio Musical Brasileiro: categorias e significados

Podemos alocar o *Patrimônio Musical Brasileiro* em um locús que se divide entre o material e imaterial, haja vista que contem itens que são de caráter armazenáveis ou não, desde registros sonoros e audiovisuais, letras, instrumentos musicais, partituras, memórias, códigos de representação, entre outros.

Entre as várias categorias envolvendo o patrimônio musical, Castagna (2016), destaca três que podem ser consideradas as mais complexas: a obra musical, a representação da obra musical e a fonte musical. Enquanto a obra musical e a representação da obra têm caráter imaterial, a fonte musical teria uma perspectiva material. Desse modo, essa última existiria materialmente e dependeria das condições naturais como a tinta de papel ou manuscrito, ou mesmo a degradação, corrosão ou extravio de suportes como CDs e Pendrivers. Já a obra musical seria uma construção artística que é efêmera, pois só ocorre durante a interpretação, sendo assim impossível de ser armazenada em sua forma original, mas, podendo ser memorizada, representada e reproduzida. Assim, por dificuldades de memorização, criou-se formas de representação para reprodução e transmissão dessa obra musical. Tais representações não são a interpretação real, mas um suporte material representativo. De acordo com Castagna (2016, p.33):

[...] fica claro que a obra musical, quando manifesta em som real, é efêmera pela própria natureza imaterial do som, enquanto a obra representada nada mais é do que um conjunto de informações, que podem ser fixadas em uma fonte material, lidas e transmitidas de uma fonte para outra, até por meio online, sem prejudicar a fonte ou a informação. (CASTAGNA, 2016, p.33)

Entendido as diferenças necessárias para a compreensão do patrimônio musical brasileiro, temos que perceber as formas de manutenção empreendidas pela política de preservação instauradas sobre elas. Em nossa pesquisa trataremos da perspectiva imaterial dos patrimônios musicais, afim de elencar todos os significados e usos que esse bem cultural pode transmitir para uma população.

Assim, lembramos que os registros de bens culturais de natureza imaterial foram oficializados pelo IPHAN por meio do decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, sendo distribuídos em quatro categorias que

pudessem lhes abarcar, sendo as que tocam nos bens imateriais que envolvem as músicas o Livro de Registro das Formas de Expressão⁴. Alguns desses bens registrados são o Frevo (2007), o Carimbó (2014) e o Maracatu Nação (2014).

Entretanto, também existem ações complementares empreendidas pelos próprios estados brasileiros para legitimar, valorizar e resguardar esses bens. Alguns desses possuem leis estaduais que refletem nas leis orgânicas dos municípios com intuito de regularizar e constituir bens culturais imateriais de caráter musical que muito provavelmente não seriam contemplados pelo IPHAN, como é o caso de Minas Gerais⁵ (CASTAGNA, 2016).

Os estados que ainda não possuem tais ações complementares, também tentam fazer esse tipo de registro de uma forma diferente. Esse mapeamento, certificação e valorização vem por meio de titulações por parte das Câmaras Municipais de Vereadores ou pela Assembleia Legislativa. Assim, Vereadores e Deputados se unem e votam acerca do que poderia se tornar patrimônio ou não. Essa escolha não pode ser vista com ingenuidade, afinal está no seio do jogo político que não toma ações de forma desinteressada. Não entraremos no mérito sobre ser isso algo legítimo para constituições de bens ou não, mas entendemos que legalmente – ao menos nos estados e cidades – esses bens se tornaram patrimônios imateriais e também patrimônios musicais brasileiros.

Assim, as músicas que entrariam para esse rol seletivo de patrimônios se ligariam por meio da representação da obra musical, haja vista que, para ser laureado para tal posição, os Vereadores, Deputados e outros especialistas analisam a sua representatividade identitária, tendo em vista os significados e valores para a comunidade daquela música, como também seu diálogo com a história e a cultural de um determinado povo.

A letra de Paraíba Joia Rara, que como mencionamos, adquiriu grande notoriedade no estado paraibano, remete a exaltação identitária e o faz ancorada por figuras renomadas da história paraibana, ressaltando as benesses encontradas no estado. Dessa maneira temos muitas referências históricas e geográficas que para aqueles que conhecem um pouco da história do estado da Paraíba, logo compreendem os sentidos ali empreendidos.

A estratégia de buscar exaltar figuras históricas e símbolos criados na nação não é desconhecida para os historiadores, afinal, compreendemos o *modus operandi* que foi realizado para celebrar e, sobretudo, solidificar a identidade nacional. Na Paraíba a canção adquiriu grande prestígio, sempre sendo entoada em eventos culturais. Já em 2014, o intérprete de forró pé de serra, Santanna o Cantador⁶ – que é do estado do Ceará – ao se apresentar no palco dos festejos do Maior São João do Mundo⁷ e *interpretar Paraíba Joia Rara*, declarou: “Eu faço questão de cantar esta canção linda do Ton porque ela fala de coisa boa, de lado

⁴ Os outros livros existentes são o do Registro dos Saberes, o do Registro das Celebrações e o do Registro dos Lugares.

⁵ Lei Estadual nº 42.505, de 15 de abril de 2002, dos Registros de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem patrimônio cultural de Minas Gerais.

⁶ Considerado um dos maiores cantores vivos do forró pé de serra, Cicero Pereira de Souza, conhecido como Santanna o Cantador, é cearense e cantor profissional desde a década de 1990. Tem como grandes sucessos as músicas “Ana Maria” e “Tamborete de Forró”.

⁷ Megaevento ocorrido durante o mês de junho na cidade de Campina Grande. A festa tem duração de 30 dias e é considerada uma das maiores celebrações juninas do mundo.

positivo do nosso Nordeste. Eu me sinto paraibano ao cantá-la e decantá-la. Os paraibanos deveriam elegê-la o hino oficial do estado”⁸.

O cantor ao interpretar a canção, sente-se paraibano, pois ressalta “o lado positivo do Nordeste”, ou seja, ele recorre as figuras que se sobressaíram de alguma maneira, tanto cultural, político e economicamente, para destacar pontos que para ele seriam favoráveis. Para além do sentimento de pertença, Santanna relatou que os paraibanos deveriam eleger a canção como novo hino do estado. A música não adquire tal feito, entretanto, adentra ao rol de patrimônios imateriais do estado da Paraíba.

O reconhecimento ocorre no dia 29 de dezembro de 2017, por meio do Projeto de Lei 11.063 do então deputado Frei Anastácio (PT), sendo uma das justificativas pautadas no projeto a de que muitos paraibanos lhe consideram um hino por representar o sentimento de ser paraibano, além de enaltecer a cultura regional e ressaltar figuras e elementos históricos e turísticos.

Portanto, é passível de compreensão os diversos usos do passado empreendidos na música para ressaltar uma identidade, neste caso a paraibana. Se utilizar do passado para garantir sentidos e interpretações é algo extremamente recorrente nos mais variados artefatos culturais que a indústria cultural se apoia. Para além disso, os usos do passado para a construção e exaltação de uma identidade é uma estratégia trivial na sociedade.

Assim, tentaremos refletir acerca da construção das identidades nacionais por meio da indústria cultural⁹ para compreendermos como a música Paraíba Joia Rara se torna um exemplo disso na construção da *paraibanidade*. E observaremos os usos do passado da canção para construir e exaltar a história paraibana.

2 Identidade nacional, música e indústria cultural

Durante os períodos compreendidos como Brasil Colônia e Império, não ocorreram maiores preocupações em se formular e construir uma identidade nacional brasileira homogênea, que seria o cartão de apresentação dos brasileiros para os estrangeiros. Na verdade, a luta no período pós independência seria a de reprimir os diversos conflitos separatistas que se tornaram um problema para a integração territorial e para a funcionalidade de um país independente (JANCSÓ; PIMENTA, 2000).

Para além da violência em abafar tais movimentos, o Estado colaborou com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838 que tinha como premissa escrever a história da nação sendo um dos primeiros indícios da tentativa de se criar uma identidade uníssona. Todavia, apenas no início do século XX, de fato, aconteceu com mais incidência a construção da identidade nacional brasileira, por meio de elementos formadores da identidade e que traria a ideia de brasilidade.

⁸ Declaração encontrada na matéria “Paraíba Joia Rara deveria ser hino da PB, diz Santanna em Show na Paraíba”. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2014/noticia/2014/06/paraiba-joia-rara-deveria-ser-hino-da-pb-diz-santanna-em-show-na-paraiba.html>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

⁹ O conceito de Indústria cultural é utilizado pela primeira vez em 1947 por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985) e é usada para se contrapor ao conceito de cultura de massa. A cultura de massa para os autores seria a arte que surgiria naturalmente do meio popular, já a indústria cultural seria a produção de mecanismo para a expansão da lógica capitalista por meio da cultura na sociedade.

Assim, podemos citar o surgimento do Romantismo na Literatura para a construção da identidade nacional, unindo as belezas naturais com a imagem da nação, e também a mitificação do indígena como um dos principais elementos do Brasil. Não apenas o índio, mas outras figuras se tornaram símbolo dessa construção identitária como o Tiradentes que se tornou um herói brasileiro. Também temos o Movimento Modernista de 1920, que buscava as raízes brasileiras, tendo como grande exemplo, Mario de Andrade e a suas pesquisas acerca dos elementos encontrados na cultura.

Mas, é apenas com Vargas, após a Revolução de 1930, que a ideia de identidade nacional adquiriu um impulso. Aconteceu nesse período a padronização dos currículos escolares com a intenção de transmitir um conteúdo nacional por meio da educação que erradicaria as multiplicidades culturais na tentativa de se criar uma homogeneização identitária. Os meios de comunicação também foram formas que Vargas utilizou para tal empreitada, sobretudo o rádio, onde ele poderia dispersar essa cultura nacional homogênea, por meio de representações como o futebol e a culinária. Um outro elemento muito difundido e importante para construção identitária foi a música que ganhou representatividade por meio do samba e criou uma imagem da cultura e expressão nacional com a Carmem Miranda.

A busca por uma identidade nacional seria a necessidade política de alocar memórias, símbolos, valores, padrões, mitos e tradições que congregasse os sentimentos de pertencimento e história em comum. Em um país multicultural como o Brasil com grande diversidade, inclusive em suas regiões, desenvolver tal perspectiva era preponderante para um projeto político. Portanto, construir elementos que pudessem homogeneizar a identidade da nação era necessário.

Como citado, a música foi um dos elementos de grande representatividade que circulou em diversos momentos do século XX¹⁰ e que trouxe a ideia tanto de identidade nacional, quanto de pluralismo cultural brasileiro. A estratégia para criação de uma identidade brasileira no governo Vargas nos parece bem-posta:

A exaltação da “música popular” e do(s) samba(s) como música genuinamente “nacional”, a partir dos anos 30, relaciona-se evidentemente com a incessante estratégia política getulista de oficializar esse gênero [...] Cantores renomados integraram a comitiva presidencial em viagem a países latino-americanos, carregando, é claro, o samba na bagagem. Simultaneamente, transmissões radiofônicas oficiais, destinadas ao público estrangeiro, se incumbiam de transportar o samba, identificado como genuíno produto musical brasileiro, a diferentes pontos do planeta. (ABREU; DANTAS, 2016, p.11)

Portanto, mesmo com a intencionalidade posicionada nestas canções com a tentativa de criar o sentimento imaginário de pertença e uma imagem de nação que une uma população, a indústria cultural ainda assim não estava dissociada disso, e tal constatação pode ser vista desde o início do século XX. Com o crescimento do rádio, a urbanização, os locais de sociabilidade e os novos trabalhadores, classes econômicas e sociais, a música se torna também elemento da exploração econômica:

¹⁰ Mas que já está em voga desde o século passado. Na verdade, desde o século XIX já se falava sobre uma música popular brasileira, mas apenas no século XX e com a inserção da indústria cultural e a necessidade de se criar uma identidade nacional com a ajuda do rádio, houve o crescimento do cenário musical brasileiro. Para mais informações ler: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. Música popular, identidade nacional e escrita da história. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 7-25, mai. 2016.

No começo do século XX a música era comercializada e ganhava voz da mistura popular urbana nos discos, os quais apesar de serem produzidos com o talento das camadas marginalizadas, tinham como principal comprador a elite. Já que apenas elas estavam aptas a pagar o preço dos discos e gramofones (SANT'ANNA; MACEDO, 2009, p.536)

Logo, as intencionalidades inseridas nas músicas que exaltavam a identidade nacional, não se desvinculariam dos objetivos comerciais da indústria cultural¹¹. Assim, o governo Vargas se apodera dos ritmos mais populares do período para ressaltar uma identidade nacional por meio das belezas naturais, nacionalistas e patrióticas. Um exemplo indispensável dessa reflexão é *Aquarela do Brasil* de Ary Barroso composto em 1939 que se tornou extremamente popular até mesmo no exterior.

Se tal invocação se inicia com o samba, posteriormente, a bossa nova, o tropicalismo e em seguida a chamada Música Popular Brasileira adquiriria força até a década de 1970, fechando esse ciclo da busca da identidade nacional brasileira. E mesmo com a ascensão do rock na década seguinte, e do sertanejo, pagode, axé e funk na década de 1990, figuras chaves da MPB como Caetano Veloso, Gal Costa, Chico Buarque, Djavan e Gilberto Gil permanecem sendo sucesso comercial (NAPOLITANO, 2002).

Desse modo, as músicas que buscavam solidificar uma identidade nacional, ou mesmo, as músicas que eram resistência contra a ditadura civil-militar, por exemplo, apesar das mensagens inseridas em suas letras, ainda assim faziam parte do cenário da indústria cultural, já que:

A arte musical como uma força de massa, engaja e alcança todos os níveis sociais. Para Adorno essa percepção da degradação da arte musical, em efeito da nova manipulação dessa expressão, é constituída com a contraposição de uma arte na música que fora corrompida pelos processos inerentes ao sistema capitalista de produção: a transformação do objeto musical em mercadoria resulta na subtração da autonomia contemplativa do ouvinte (SILVA; MORAIS; SILVA, 2018, p.253)

Assim, a indústria cultural não apenas inseriu as canções envolvendo a identidade nacional entre a população, mas também é possível perceber várias outras que destacam uma identidade regional ou mesmo local. Temos como grande referência *Asa Branca* de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, e *Romaria* de Renato Teixeira, que evocam consecutivamente, as identidades nordestinas e caipiras do interior de São Paulo e Minas Gerais, sendo exemplos de repertórios que dialogam com as identidades regionais¹².

Entretanto, temos músicas ainda mais específicas que tentam gerar por meio de elementos históricos, geográficos e econômicos a busca imagética da união da população por uma identidade local. Como exemplos temos a música *Sampa* de Caetano Veloso, *Aquele Abraço* de Gilberto Gil, *Voltei, Recife* de Alceu Valença e *Alô Campina Grande* de Jackson do Pandeiro. Todas as canções citadas têm grande

¹¹ Em *A Gota d'Água, ou a Medeia em nós* (2008) de Marta Mega de Andrade, compreendemos que os artefatos culturais, sejam eles quais forem e que tenham mensagem ideológicas ou políticas direta ou indiretamente explícitas em sua obra, ainda assim estão inseridos no cenário da indústria cultural. Destarte, por mais que tenha uma intenção política muito bem clara, não se pode deixar de lado das interpretações o fato de que o artefato cultural foi feito para alcançar sucesso diante de um determinado público que seria consumidor de bens culturais.

¹² Compreendemos as diferenças culturais e identitárias encontradas, por exemplo, no Nordeste, tal como é discutido na obra de Durval Muniz "A Invenção do Nordeste e outras artes" (2011). Entretanto, entendemos que alguns fatores contribuíram para que a música *Asa Branca* tenha se tornado um marco identitário da região, sendo uma delas a representação midiática feita relacionando a música ao Nordeste.

empatia e aceitação imagética por parte dos paulistas, cariocas, recifenses e campinenses, se tornando símbolos das identidades locais de cada cidade.

Como dito, muitas dessas músicas, fazem uso do passado para encontrar junto à população tal sentimento identitário. E é por meio desta perspectiva que analisaremos o patrimônio imaterial Paraíba Joia Rara.

3 Utilizando o passado, criando sentimentos: uma análise de Paraíba Joia Rara

Cada época usa o passado pensando em seus interesses e circunstâncias e tal utilização pode ser compreendida como uma forma de recepção¹³ que mobiliza e reutiliza o passado em um caráter instrumental. Os usos do passado é um campo da recepção e pode ocorrer nas esferas científico-acadêmico, ideológico, político pedagógico, moral e existencial por meio da cultura, com o objetivo de distribuir sentidos para um determinado designo que pode ser identitário, nacional, de raça, classe, entre outras. Portanto, se utilizam dos usos do passado para operar a constituição e aplicação de uma narrativa produzida no presente que faça ligação entre passado e futuro (SILVA; FUNARI; GARRAFFONI, 2020).

Os usos do passado podem ser vistos em análises mais específicas do campo das recepções, desse modo, comumente é possível observar diversos trabalhos que versam sobre artefatos culturais que são frutos da indústria cultural. Destarte, tais utilizações podem ser observadas com muito afinco em bens culturais muito populares na sociedade como cinema, series de televisão, literatura, história em quadrinhos e música. Como dito, na sessão anterior, a música em diversos momentos se utiliza do passado com propósitos, afinal, a música é um dos bens culturais mais populares do mundo na sociedade:

Seja na arte ou no amor, seja na tristeza ou na alegria, a música está presente em nosso cotidiano. Ela atravessa nosso dia a dia sem nos darmos conta de sua importância. Da infância e juventude, até aquelas que tocaram em momentos importantes de nossa vida, a música permeia nossa vivência. A memória e a música conseguem caminhar em concordância, pois, aguçam sentimentos que já estavam esquecidos. Ao tocar, estas memórias revivem-se com uma mistura de saudade e afeição. Marcam amigos, amores, família, trabalho, dificuldades e felicidades e, quando reproduzidas, as memórias dessas pessoas com saudosismo retornam em imagens e nostalgia. (SILVA, 2018, p.41)

Fazendo parte do nosso cotidiano e participando dos mais variados momentos de nossa vida, a música também é uma parceira profícua da historiografia, já que pode trazer em suas várias nuances, uma diversidade grande de informações do período em que foi composta e interpretada. A relação entre história e música é muito importante entre os historiadores, obtendo grande aprovação como fonte historiográfica e como suporte para o ensino de história desde o século XX. De acordo com Soares (2017), a música tem

¹³Alguns autores preferem o termo apropriação, pois compreendem que recepção sugeriria um papel passivo para o leitor, entretanto o termo recepção envolveria justamente o caráter dialógico e dinâmico da leitura. Para mais informações, ler: SILVA, G. J. D.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 84, p. 43–66, 2020.

grande importância na cultura cotidiana dos alunos, e se tornou um aliado significativo para os professores, haja vista que, é um recurso didático que produz empatia entre os alunos e a história. Entretanto, é necessário saber trabalhar com a fonte em sala de aula, saindo do comodismo e da decoreba. A análise da música é essencial para se buscar elementos que podem contribuir com o ensino.

A nossa proposta é fazer a análise da música *Paraíba Joia Rara* para demonstrar como, por meio dos usos da história e focando sobretudo em figuras conhecidas da historiografia paraibana – além da sua geografia –, o autor tentou enaltecer e solidificar a identidade paraibana, ou seja, uma identidade local. Antes de efetuar a análise, é preciso conhecer a letra da canção:

Paraíba Joia Rara¹⁴

Aqui o sol nasce primeiro
E tão desinibido
E a lua exhibe um estrelato
Com tanta beleza
Que até o algodão se empolga
E já vem colorido
Exibições inexplicáveis
Da mãe natureza

Aqui até os dinossauros
Fizeram morada
E a gente pôde ao som
De jackson pandeirear
Ouvir a voz que na bandeira
Ficou estampada
Dar frutos
Que o tempo e a história
Não vão apagar

Eu sou da Paraíba, é meu esse lugar
A cara desse povo tem a minha cara
Encanto de beleza que me faz sonhar
Lugar tão lindo assim, pra mim é joia rara

Que bom estar no ponto mais oriental
Astrológicamente ser um ariano
Rimar como um Augusto tão angelical
Eu sou muito feliz
Eu sou paraibano

Ton Oliveira (2011)

A exaltação das belezas naturais de um lugar nos parece um ponto chave quando se pretende enaltecer um território, de modo que em diversas referências musicais isso pode ser observado. Como citamos, *Aquarela do Brasil* já reiterava isso no início do século XX, com muitas outras seguindo da mesma estratégia ao pensar os elementos identitários brasileiros e o lugar por excelência onde seria

¹⁴ Oliveira, Ton. *Paraíba Joia Rara*. Fortaleza: DN Music, 2011. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ton-oliveira/paraiba-joia-rara/>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2021.

dispersado tais características, como por exemplo, quando Jorge Ben Jor em 1969 canta que “Mora num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza” em *País Tropical*, obtemos uma referência importante disso.

Desse modo, para que um povo tenha orgulho da sua história, experimente o sentimento identitário que lhes une e compartilhe de tais significados é necessário que tal identidade habite em um território maravilhoso e espetacular, onde reside as belezas naturais e os encantos da terra. Paraíba Joia Rara não fica distante disso, demonstrando que a formosura da Paraíba pode ser contemplada no firmamento com o sol, a lua e as estrelas que exibem grande beleza, sendo algo até mesmo inexplicável. Assim, o lugar se torna um tesouro, um bem precioso, um território que pode desenvolver uma identidade única, um “Lugar tão lindo assim” só poderia se tornar “Joia Rara”.

Após criar um local imagético adequado para comportar a identidade, é imprescindível criar laços entre os que residem no território para que tal formação identitária tenha sentido. A música de Ton Oliveira busca fazer isso de dois modos: 1º criando afeições que unam as pessoas; 2º trazendo elementos históricos e geográficos que podem servir de associação para o enaltecimento de uma memória em comum.

A criação de laços por meio da afeição é inserida quando o interprete se assume daquele território e quando observa no outro a sua própria identidade. Portanto, quando o compositor escreve em sua letra que “Eu sou da Paraíba, é meu esse lugar”, ele se coloca no lugar de belezas imagéticas uma vez criado. É daquela representação de território belo e de tanta história e importância para o seio do país que ele é, e que pretende que os seus também sejam. Criado o território perfeito para se ter uma identidade, é importante se colocar naquele local, para de fato ter sua identidade legitimada.

A união identitária também ocorre quando nos vemos nos outros. Assim, quando a música reitera que “A cara desse povo tem a minha cara”, compreende-se que existe a indispensabilidade de se encontrar no outro, de se perceber, de se observar características suas no outro, para que dessa maneira se depare consigo mesmo. Uma maneira mais fácil de se compreender isso é quando pensamos nas mais variadas tribos localizadas nas escolas. As crianças e adolescentes ao observar similaridades de gostos e culturas se unem em tribos. Logo, quando se observa no outro, se vê a si mesmo, encontrando práticas culturais, memórias e aspectos sociais e geográficos que lhes circundam e que o compositor coloca em voga.

Após criar os laços de afeição por meio da localização e da compatibilidade identitária, o compositor aplica os usos da história para evocar figuras e períodos históricos importantes para a historiografia paraibana no sentido de criar uma memória e história em comum e, conseqüentemente, um passado glorioso para os paraibanos.

Entretanto, antes de adentrar de fato aos elementos históricos inseridos na música, cabe-nos ressaltar a questão geográfica imposta na canção. Isso pode ser notado duas vezes e faz referência a Ponta do Seixas. O local é o ponto mais oriental de todo o continente americano, sendo, conseqüentemente, do Brasil também. Localizado na área leste da capital da Paraíba, João Pessoa, a Ponta do Seixas é um dos principais roteiros turísticos da cidade. Justamente por se localizar no ponto mais oriental, é que o sol “nasceria” primeiro na Paraíba em todo o continente americano. É por tal motivo que o compositor relata que “o sol nasce primeiro e tão desinibido” e que é “bom estar no ponto mais oriental”. Compreendemos – sobretudo por termos uma educação eurocêntrica – que o fato de estar no ponto mais oriental não faz referência, de fato, ao oriente ou a relevância das culturas orientais, mas a ocorrência do lugar de destaque

que a Paraíba é posta por se encontrar neste local. O território onde o sol “nasce” primeiro nas Américas, pode ser entendida como diferente e especial.

Adentrado de fato as questões voltadas aos usos do passado chegamos a um dos marcos da história da Paraíba, sobretudo da cidade de Campina Grande, já que “o algodão se empolga e já vem colorido”. Nesta perspectiva podemos adentrar duas esferas, a do início do século XX e a atual. O algodão foi uma das principais plantações na Paraíba desde o século XVIII, especialmente nas regiões do agreste e do sertão. Normalmente, o comércio do algodão partia do interior para a capital por meio de carroças, mas, logo em seguida, temos uma mudança de panorama, já que, começou a ser feito o caminho pela cidade de Itabaiana para Recife por meio da linha férrea. Entretanto, com a inauguração da maria fumaça na cidade de Campina Grande a rota e o ponto de partida mudou, ocasionando um crescimento econômico preponderante para a Rainha da Borborema¹⁵. O período em que Campina Grande se insere no circuito do algodão se torna conhecido como “Ouro Branco”, já que, o comércio do algodão por meio da inserção da linha ferroviária se intensificou. Além da produção – que ocorria não apenas em Campina Grande, mas em diversas cidades como citado – o que realmente se tornou propulsor para a econômica campinense foi a exportação. Sendo conhecida como a Liverpool Nordestina¹⁶, Campina Grande se consolidou como um dos maiores entrepostos comerciais do Nordeste do início do século XX, obtendo uma economia mais alicerçada que a capital paraibana, o que possibilitou no aumento populacional e social (SANTOS, 2019).

Após a década de 1930, o apogeu visto na cidade começou a decair por conta da crise econômica do algodão. Mas, e o algodão colorido? Algumas espécies de algodão já nascem com tal coloração, contudo os fios não contribuíam para a industrialização. Foi apenas em 1989, quando a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) do estado da Paraíba iniciou pesquisas cruzando espécies para melhorar a fibra dos fios que o panorama mudou, já que, houve a possibilidade da adesão das indústrias neste cenário. No ano de 2000 começou, de fato, o cultivo do algodão colorido e sua popularização. O algodão colorido tem valor de mercado superior ao do algodão branco normal e a Paraíba adquiriu o selo de indicação geográfica como produtor pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Para se ter uma ideia, mesmo com a pandemia instituída pelo Corona vírus nos anos de 2019 e 2020, ainda assim, o algodão colorido teve uma produção três vezes maior do que a do ano anterior alcançando cerca de 50 toneladas de plumas¹⁷.

Portanto, seja em um dos principais períodos históricos da economia paraibana, seja atualmente que contribui com diversas famílias do estado, o algodão perpassou diversos momentos da Paraíba e se insere como uso do passado e alicerce imagético para a identidade paraibana. Entretanto, não apenas o algodão movimentou financeiramente o estado da Paraíba, afinal “Aqui até os dinossauros fizeram morada”.

Naturalmente, compreendemos que todo o planeta terra foi permeado por dinossauros no período em que eles ainda não estavam extintos. Todavia, na Paraíba existe o Vale dos Dinossauros na cidade de Sousa sendo um orgulho para a região, um lócus referencial para pesquisadores e uma fonte interessante de renda para a própria cidade. Mesmo tendo sua localização na cidade de Sousa, o sítio geológico e paleontológico

¹⁵ Tem esse apelido por se localizar em um ponto chave do Planalto da Borborema.

¹⁶ Foi chamada de Liverpool Nordestina, pois só perdia para a cidade inglesa na exportação de algodão.

¹⁷ Informações obtidas na matéria: “Paraíba amplia produção de algodão colorido”. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/53849365/paraiba-amplia-producao-de-algodao-colorido>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021.

se expande por mais dez municípios da região, onde se registram diversas pegadas de dinossauros fossilizadas. Pelo decreto 23.832 de 27 de dezembro de 2002 adquiriu a classificação de monumento natural, sendo um dos mais importantes sítios arqueológicos do Brasil e gozando do maior conjunto de pegadas de animais pré-históricos da América Latina, se tornando referência mundial. É possível perceber rastros fossilizados de mais de 80 espécies variando desde de 5 até 40 centímetros. Além das pegadas encontram-se também, ossadas parciais como fíbulas, e pinturas rupestres (VILAR *et al*, 2010).

Sendo motivo de orgulho, haja vista ter se tornado um local-chave para a pesquisa dos animais pré-históricos, a região da Bacia do Rio do Peixe observou o interesse de olhares para além do país. Assim, a região angariou com aspectos econômicos, turísticos, sociais e de pesquisa. No entanto, apesar de todo o benefício e satisfação de ser referência para quem pesquisa acerca dos dinossauros, ainda é possível ver o descaso:

O estado de abandono e depredação dos sítios paleontológicos das bacias do Rio do Peixe é motivo de preocupação para as autoridades e para a sociedade há algum tempo. Denúncias foram feitas e constatadas, tanto de extração de areia no Parque Monumento Natural Vale dos Dinossauros quanto de retiradas de fósseis de sítios cadastrados pela SIGEP (Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos) (SIQUEIRA *et al*, 2011, p.9)

Desse modo, o orgulho do local seria apenas imagético? Será que a população paraibana realmente visita o local, se vislumbra com os achados paleontológicos e se preocupa com a situação e conservação do território? Ou a satisfação está apenas em dizer que tem um sítio paleontológico relevante? O orgulho paraibano e as amarras identitárias que englobam o Vale dos Dinossauros deve desempenhar uma função muito maior do que apenas a do campo dos discursos, já que a ação para preservação do local é necessária, para que assim se possa fazer referências como as feitas na música Paraíba Joia Rara. Independente se há preocupação ou não, fato é que o compositor se utiliza de mais um segmento que faz uso tanto da história (ou no caso pré-história) como também dos sentidos econômicos e científicos para ilustrar as benesses de ter nascido no estado da Paraíba.

A partir desse momento, as referências históricas representadas na música estão vinculadas mais, especificamente, a figuras ilustres paraibanas que tiveram relevância nacional. Conhecemos o primeiro pela letra e o ritmo que foi englobada na canção, já que, “a gente pode ao som de Jackson Pandeirar”.

Jackson do Pandeiro é considerado, ao lado de Luiz Gonzaga, um dos pilares do forró, sendo um dos principais responsáveis pela dispersão e popularização do ritmo. Nascido na cidade de Alagoa Grande em 1919, José Gomes Filho, acompanhava sua mãe nas rodas de coco em apresentações. Ainda na cidade ganha o apelido de Jack, por conta da sua admiração por filmes de *Bang Bang* populares na época. Posteriormente, indo para a cidade de Campina Grande começou a ganhar a vida tocando nas feiras, difusoras e cabarés da cidade, migrando para a capital logo em seguida. Já como Jackson do Pandeiro ganhou fama na cidade de Recife gravando seu primeiro LP com a gravadora Copacabana e se tornando sucesso em todo o país, inclusive no eixo Rio-São Paulo que eram os mais concorridos. Seus principais sucessos são *Sebastiana*, *Chiclete com Banana*, *Cantiga do Sapo* e o *Canto da Ema* (SILVA, 2018).

Apesar do sucesso nacional, Jackson do Pandeiro não esqueceu dos locais onde passou e, interpretou algumas músicas que se tornariam sucessos na Paraíba como *Forró em Campina* e *Alô Campina Grande*. Assim, tocar no nome de Jackson do Pandeiro na música Paraíba Joia Rara faz todo o sentido, pois era um

paraibano analfabeto que conseguiu sucesso em todo o país e ainda assim retornou as origens de sua caminhada com músicas que enaltecia uma cidade que foi tão querida por ele. Além disso, tornou-se um dos principais nomes do forró e evocava em seu repertório símbolos e práticas culturais vivenciadas no período em que ainda estava no Nordeste e na Paraíba.

Portanto, conjurar Jackson do Pandeiro, seria evocar o principal nome musical da Paraíba. Com isso, não se diminui os vários outros nomes da música popular brasileira que nasceram na Paraíba, como Elba Ramalho e Zé Ramalho, mas testifica-se que ele foi o precursor, foi quem abriu fronteiras para todos os outros que viriam em seguida. Sua referência teria como objetivo demonstrar aos paraibanos que é possível alcançar sucesso e se tornar exemplo, mesmo com todas as dificuldades¹⁸ e experiências da vida. A citação¹⁹ a Jackson do Pandeiro demonstra que todos os paraibanos apesar das dificuldades podem se tornar bem-sucedidos no que fazem, já que um dos maiores nomes do forró, paraibano, também conseguiu.

Saindo do cantor paraibano e entrando em um marco do início do século XX no Brasil, ouvimos “a voz que na bandeira ficou estampada”. Nesse caso temos que ressaltar o contexto e o personagem que alteraram a bandeira da Paraíba e que se tornou um dos impulsores para a revolução de 1930. Antes de 1930 temos que pensar na política do café com leite que era marca registrada da República Velha, que figurou de 1889 até 1930. Nela representantes de partidos oligárquicos de Minas Gerais e São Paulo se revezavam no poder do Brasil, beneficiando as oligarquias rurais e monopolizando quem concorria à Presidência da República do Brasil. Até que para eleição de 1930, Washington Luís que era o atual presidente e representante do partido Republicano Paulista, ao invés de indicar um representante de Minas Gerais, indicou Júlio Prestes que era do Partido Paulista. Isso gerou uma quebra na normalidade que existia, revoltando as oligarquias de Minas Gerais (FERREIRA; PINTO, 2006).

Assim, os mineiros lançam a Aliança Liberal como oposição a candidatura de Júlio Prestes. 3 estados formavam a Aliança Liberal, sendo Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba apoiadores das candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa como presidente e vice-presidente do Brasil. As eleições ocorreram com suspeitas de fraudes em diversos estados brasileiros, e como já era de se esperar, Júlio Prestes ganhou a eleição e deveria se tornar presidente do Brasil. Entretanto, a Aliança Liberal não aceitou o resultado das urnas eleitorais e tramaram para não deixar Prestes ser empossado presidente. O estopim para a revolução de 1930 foi a morte de João Pessoa em uma confeitaria na cidade do Recife por João Dantas. O assassinato aconteceu por motivos pessoais, mas os líderes da Aliança Liberal utilizaram esse motivo como algo político. Assim começou as diversas lutas em todo país que, posteriormente, eclodiriam com a Revolução de 1930 e no Golpe inferido por Getúlio Vargas (FERREIRA; PINTO, 2006).

Mas, quem foi João Pessoa, para além do candidato a vice-presidente que foi assassinado na cidade de Recife? E qual suas influencias na Paraíba? O mártir da revolução de 1930 era sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, fazendo parte de uma família tradicional da política paraibana, e foi Ministro da Junta de Justiça Militar, Ministro do Superior Tribunal Militar e Presidente da Paraíba entre 1928 e 1930. Em seu governo na Paraíba promoveu tributações sobre o comércio entre o interior paraibano e o

¹⁸ Pobre, Jackson do Pandeiro teve muitos problemas econômicos e sociais na sua infância e juventude. Chegou a passar fome e trabalhou em inúmeros trabalhos para conseguir sobreviver como padeiro, servente de pedreiro e limpador de fossas.

¹⁹ Em Campina Grande pode se observar muitas representações acerca de Jackson do Pandeiro. Em placas, grafites e até no Maior São João do Mundo, o cantor sempre é lembrado. Isso ocorre muito provavelmente pela sua sempre exaltação a Campina Grande em suas músicas e por ter se tornado um dos maiores cantores de forró do Brasil.

porto de Recife o que por mais que contribuísse para a economia do estado, gerava descontentamento, sobretudo das oligarquias do interior do estado paraibano. Entretanto, apesar disso, a sua figura seria mitificada no estado e iria mudar todo o panorama dos símbolos paraibanos, já que, em 4 de setembro de 1930, a então cidade da Parahyba e capital do estado, se tornaria João Pessoa e no dia 25 de setembro do mesmo ano a bandeira do estado da Paraíba adquiriria as cores rubro-negras, com o preto simbolizando o luto pela morte do presidente do estado e o vermelho significando seu sangue derramado e a Aliança Liberal. Também haveria a inserção da palavra “Nego” como conjugação do verbo negar, que faz referência ao não apoio à Júlio Prestes como candidato a Presidente da República (RIBEIRO, 2009).

As representações do herói João Pessoa perpassam toda a Paraíba, passando por Umbuzeiro, cidade em que nasceu, cruzando Campina Grande com monumentos e logradouros em sua homenagem, até chegar na capital do estado com referência máxima ao seu nome. Atualmente há discussões de proporções na Paraíba e sobretudo no meio acadêmico e cultural, para se haver mudanças nesses símbolos que evocam a memória de João Pessoa, no entanto, nos parece que a falta de reflexão e interpretações sobre os eventos históricos ainda fazem com que a representação e o orgulho da negação de João Pessoa em apoiar Prestes, seja compreendida como uma atitude da luta contra algo negativo – em uma perspectiva bem comum de luta entre bem e mal que tanto se propaga na sociedade – ao invés de algo político e com interesses. Isso perpassa o conhecimento histórico na Paraíba, haja vista que “ouvimos a voz que na bandeira ficou estampada”, mas não fizemos uma leitura crítica, nem problematizamos as intencionalidades da atitude da voz que está na bandeira.

Nesse momento entramos na perspectiva literária – mas não nos distanciamos da história política paraibana – pois apesar da afirmativa, nem todos que nascem na Paraíba são do signo de Aries. “Astrológicamente ser um Ariano” remete ao escritor, dramaturgo, professor e advogado Ariano Suassuna que nasceu na capital paraibana e foi idealizador do Movimento Armorial e autor das obras *Auto da Compadecida*, *O Santo e a Porca* e *o Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*.

É interessante perceber que mesmo sendo utilizados na música para criar o sentimento identitário paraibano, as figuras de João Pessoa e Ariano Suassuna são antagônicas no cenário político historiográfico da Paraíba, isso ocorre pois, Ariano Suassuna era filho de João Suassuna que, tal como João Pessoa, foi Presidente do estado da Paraíba entre os anos de 1924 e 1928 quando em seguida se torna deputado federal da Paraíba. Inclusive, o próprio Ariano Suassuna nasceu no Palácio da Redenção que é a sede do poder executivo da Paraíba. Enquanto João Suassuna representava os interesses agrícolas do interior do estado, João Pessoa estava mais ligado as classes médias das cidades, sobretudo da capital paraibana. Com a revolução de 1930, no Rio de Janeiro, e a morte de João Pessoa, a família Suassuna teriam suas vidas abaladas, já que, João Dantas e a família Dantas tinha parentesco com João Suassuna, e inclusive o apoiou nas eleições. Logo, João Suassuna é acusado e investigado pela morte do mártir da Revolução de 1930. Chamado para se defender na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro, após alguns dias, João Suassuna é assassinado (SIMÕES, 2018).

Os assassinos e mandantes foram presos e pode se perceber as ligações existentes entre eles e a família Pessoa. A morte do pai trouxe profundos reflexos na escrita do filho, sendo decisivo para sua

criatividade na escrita²⁰. Justamente pela mágoa de ter perdido o pai atribuindo seu assassinado a família Pessoa, que Ariano Suassuna não aceitava a troca do nome da capital paraibana por João Pessoa, nem muito menos a nova bandeira instaurada.

Notadamente, não é necessário explicitar a importância de Ariano Suassuna como criador cultural do Brasil. Suas obras e sua atuação são tão somente reflexo de um dos maiores romancistas, poetas e dramaturgos do país, que inclusive se tornou Doutor Honoris Causa, de várias universidades do Nordeste brasileiro, além de ter se tornado enredo de várias escolas de samba e membro da academia brasileira, pernambucana e paraibana de letras.

Todavia, o que é ambíguo na letra de Paraíba Joia Rara é a dualidade de “Ouvir a voz que na bandeira ficou estampada” e de “Astrológicamente ser um ariano”, quando o próprio Ariano Suassuna não aceitava o que João Pessoa representou na sua vida e na história paraibana. Portanto, os usos da história na letra da canção fazem referências à grandes nomes da história paraibana, tentando enaltecer o estado por essas figuras, e conseqüentemente exaltar uma identidade uníssona, porém, esquece de perceber essas imbricações e tensões históricas que apenas ao questionarmos as representações dessas figuras e sua atuação na Paraíba podemos compreendê-las historiograficamente.

Por fim, mas não menos importante, poderíamos “Rimar como um Augusto tão angelical”. Nascido no atual município de Sapé na Paraíba, Augusto dos Anjos foi um poeta que tratava da tristeza em mescla com um vocabulário científico. Publicou apenas um livro intitulado *Eu* em 1912, visto que morreria de pneumonia dois anos depois, com 30 anos. Mesmo sofrendo breves influências do simbolismo, o seu estilo literário não se encaixaria em nenhuma escola, sendo considerado um pré-modernista. Sua poesia era visceral, mórbida e angustiante, refletindo sobre a finitude mortal, o existencialismo e a ciência. Sua obra não foi recebida com entusiasmo. As poesias sombrias publicadas na Paraíba não foram bem aceitas e seu livro publicado anos depois também foi mal recebido pela crítica, já que o estilo parnasiano era o que estava em voga. Entretanto, Augusto dos Anjos conseguiu fama póstuma. A terceira edição de seu livro foi publicado com o adicional de poesias, e passou a ser chamado de *Eu e outras poesias* que vendeu rapidamente. Atualmente, o paraibano já conta com mais de 40 edições do seu livro e se tornou um dos poetas mais lidos do Brasil (FRANCO, 2000).

Sendo um dos maiores poetas do país e uma figura importante do estado da Paraíba, Augusto dos Anjos também adentra ao rol de personagens inseridos na música Paraíba Joia Rara. Muito provavelmente se o sucesso póstumo não lhe alcançasse, ele teria se perdido no esquecimento do conhecimento histórico e das representações da indústria cultural. No entanto, sua obra – que não foi tão bem aceita na Paraíba – posteriormente, se torna sucesso comercial fazendo com que os paraibanos lhe elejam como mais um ator importante na transmissão do orgulho e da união da identidade paraibana. Nesta perspectiva, o valor, aceitação e construção de Augusto dos Anjos não estariam – ao menos inicialmente – na sua obra interessantíssima, mas no sucesso e no êxito mercantil que a obra alcançou. Se é sucesso na indústria cultural, podem se orgulhar e se utilizar para outras narrativas.

²⁰ Como é possível perceber no seu discurso de posse da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20141015065803/http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=13527&sid=305>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2021.

4 Orgulho de uma identidade: os sentimentos dos paraibanos

A construção de Paraíba Joia Rara evoca personagens históricos, constrói sentidos de pertencimento e aborda a geografia e economia do lugar. Todavia, será que realmente o sentimento identitário homogêneo e uníssono que a música pretende alcançar consegue lograr seu objetivo? Em reportagem noticiada pelo G1 Paraíba no ano de 2017 com o título “Autor de Paraíba Joia Rara, Ton Oliveira toca o coração das pessoas em Campina Grande”, obtivemos alguns poucos depoimentos de pessoas que participavam de um show em que a música foi entoada.

Kivia Karla Pereira, autônoma e na época com 19 anos relatou sobre a música que: “Ela fala a verdade que é a Paraíba. É uma das músicas mais bonitas que eu já ouvi, um verdadeiro poema. Considero um hino mais do que o próprio hino”, e sua opinião é compartilhado por seus familiares que estão no local. De igual modo, a estudante Luana Pereira com 15 anos, comentou que: “É uma música com muito significado para mim. Chego até a chorar na maioria das vezes. Conheci há um tempo no meio junino. Por uma música assim a gente já se expande de alegria”.²¹

As declarações demonstram o sentimento de pertença das paraibanas, seu orgulho por ser do estado, a emoção transmitida em seus versos por meio dos significados empreendidos na canção e sua importância para a sociedade paraibana. Evidentemente que uma pequena parcela da população – sobretudo de jovens – foi contemplada com as entrevistas, no entanto, ainda assim, é possível perceber como por meio da música a identidade paraibana é celebrada.

Este é o ponto-chave, o fator preponderante para a música Paraíba Joia Rara ter se tornado o sucesso comercial no estado paraibano e também um patrimônio musical brasileiro. Os significados e sentimentos que a música constrói e desperta nos paraibanos é essencial para essa familiaridade e aceitação do público. Afinal, quando os paraibanos cantam a música, enaltecem sua própria identidade.

Assim, se para se converter um bem cultural em patrimônio imaterial, é necessário que sua representatividade interaja com os valores e sentimentos de um povo, e também, com sua história e cultura, podemos afirmar que Paraíba Joia Rara consegue se encaixar neste panorama. Os depoimentos que expomos e a ilustração e exposição de sua letra corroboram para esse entendimento. Se uma parcela da população se sente representada por uma obra musical, mesmo que a obra se utilize dos usos do passado para isso, então essa parcela de pessoas pode considerar tal música como patrimônio musical brasileiro.

Considerações finais

Em toda nossa caminhada, compreendendo como as músicas buscam celebrar uma identidade envoltas a indústria cultural e destrinchando a narrativa da música Paraíba Joia Rara, podemos perceber a relevância da música como fonte, pois se “a pesquisa historiográfica tem buscado na música um

²¹ Entrevista disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2017/noticia/autor-de-paraiba-joia-rara-ton-oliveira-toca-o-coracao-das- pessoas-em-campina-grande.ghtml>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

importante objeto de estudo e fonte de análise, por outro, pesquisadores do ensino de história têm investigado o uso da música como recurso didático” (SOARES, 2017 p.86). Por meio de uma leitura crítica, de uma análise que esmiúce os diversos aspectos que podem envolver uma música e a busca por interpretações com a mediação do professor, a música pode se tornar um suporte metodológico e uma fonte valiosa para o historiador.

Dessa maneira, os usos dos patrimônios musicais brasileiros se tornam essenciais para aqueles historiadores que pretendem se utilizar dessa fonte musical para se aventurar em sala de aula. Haja vista que, como fonte são objetos maravilhosos que podem render pesquisas de folego, e como suporte para as aulas de história, também se concretizam como forte aliado do professor. Assim, entendemos a necessidade e a urgência de se expandir as discussões sobre esses patrimônios e sua importância em meio a sociedade.

Referências bibliográficas

- ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. Música popular, identidade nacional e escrita da história. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 7-25, mai. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/20749/21696>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, M. M. DE. A Gota d'Água, ou a Medeira em nós. In: CHEVITARESE, A. LEONARDO.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. DE O. (Eds.). **Tradição Clássica e o Brasil**. Brasília: Archai/Fortium, 2008. p. 171–184.
- CASTAGNA, Paulo. Estruturas políticas para a salvaguarda do patrimônio musical brasileiro. **XI Encontro de Musicologia Histórica**. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6833/1593.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- FRANCO, Mary Jane Fernandes. **Ficções do Eu – Augusto dos Anjos**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78618/174446.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo Garrido. Peças de um mosaico: ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira. **Revista de história das ideias**, Coimbra, v. 21, p. 389-440, 2000. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/41754/1/Pecas_de_um_mosaico.pdf. Acesso em: 14 de ago 2021.

- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música – História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIBEIRO, Genes Duarte. **Sacrifício, Heroísmo e Imortalidade: A Arquitetura da Construção da Imagem do Presidente João Pessoa**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5954/1/arquivo%20total.pdf>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SANT'ANNA, Mara Rúbia. MACEDO, Káriha. A música como narrativa de identidade nacional no Brasil de 1900 a 1950. **Revista DAPesquisa**, Florianópolis, v.4 n.6, p.530-540, 2009. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14211/9285>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SANTOS, Jessica Kaline Oliveira. **Memórias dos Trilhos: Construção e Vivências da Estação Ferroviária Nova de Campina Grande-PB (1957-1998)**. Universidade Estadual da Paraíba. Monografia em História. Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21532/1/TCC%20-%20JESSICA%20KALINE%20OLIVEIRA%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SILVA, Gabriel Amaral da; MORAIS, Joyce de Fátima; SILVA, Roseli Gall do Amaral da. Educação e Música: Uma Leitura pela Ótica da Indústria Cultural. **Colloquium Humanarum**, vol. 15, n. Especial 2, Jul-Dez, 2018, p. 250-256. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/EDUCA%C3%87%C3%83O%20E%20M%C3%9ASICA%20UMA%20LEITURA%20PELA%20%C3%93TICA%20DA%20IND%C3%9ASTRIA%20CULTURAL.pdf>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SILVA, Glauber Paiva da. **Práticas e Representações nordestinas na musicografia de Jackson do Pandeiro (1953-1981)**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/bitstream/tede2/7813/2/Glauber%20Paiva%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SILVA, G. J. D.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/NxWFCCdfrijxYXzmQB98Npt/?lang=pt>. Acesso em: 14 de ago de 2021.
- SIMÕES, Ester Suassuna. Questões de Morte, Luto e Herança em Vida Nova Brasileira, de Ariano Suassuna. **Revista Garrafa**. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/22103/12287>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SIQUEIRA, L. M. P. et al. Sítios Paleontológicos das Bacias do Rio do Peixe: Georreferenciamento, Diagnóstico de Vulnerabilidade e Medidas de Proteção. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Vol.34 – 1/2011. p.09-21. Disponível em: <http://ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/5814/0>. Acesso em: 14 de ago 2021.
- SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, v. 6, nº 11, p. 78-99 – 2017. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/325/224>. Acesso em: 14 de ago de 2021.

VILAR, J. C. F. et al. Políticas Públicas e a Situação do Monumento Natural “Vale dos Dinossauros”: Questões Atuais das Ações Preservacionistas. In: **VII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande**. Campina Grande, 2010. Disponível em: <http://pesquisa.ufcg.edu.br/anais/2010/ch/resumos/humanidades/DIREITO/Jennifer%20Caroline%20Farias%20Vilar%20-%20CCJS.pdf>. Acesso em: 14 de ago de 2021.

Fontes

Academia Brasileira de Letras. Título da Matéria: “**Discurso de Posse de Ariano Suassuna**”. Disponível em:

<http://web.archive.org/web/20141015065803/http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=13527&sid=305>.

Embrapa. Título da Matéria: “**Paraíba amplia produção de algodão colorido**”. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/53849365/paraiba-amplia-producao-de-algodao-colorido>.

Ficha do Jogo. Título da Matéria: “**Santa Cruz Campeão da Copa do Nordeste de 2016**”. Disponível em: <https://fichadojogo.wordpress.com/2016/05/01/santa-cruz-campeao-da-copa-do-nordeste-de-2016/>.

G1 Paraíba. Título da Matéria: “**Autor de ‘Paraíba, Joia Rara’, Ton Oliveira ‘toca o coração das pessoas’ em Campina Grande**”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2017/noticia/autor-de-paraiba-joia-rara-ton-oliveira-toca-o-coracao-das-pessoas-em-campina-grande.ghtml>.

G1 Paraíba. Título da Matéria: “**Paraíba Joia Rara deveria ser o hino da PB, diz Santanna em Show na Paraíba**”. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2014/noticia/2014/06/paraiba-joia-rara-deveria-ser-hino-da-pb-diz-santanna-em-show-na-paraiba.html>.

Letras. **Paraíba Joia Rara**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ton-oliveira/paraiba-joia-rara/>.

YouTube. Título do Vídeo: “**Ton Oliveira canta “Paraíba Joia Rara” com a torcida do Campinense**”. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ZP4XpeDsqEA&ab_channel=ZenaideFerreira.